



Utopía y Praxis Latinoamericana

ISSN: 1315-5216

utopraxis@luz.ve

Universidad del Zulia

Venezuela

Carvalho, José Mauricio de
O tema da cultura na filosofia brasileira
Utopía y Praxis Latinoamericana, vol. 7, núm. 17, junio, 2002, pp. 87-108
Universidad del Zulia
Maracaibo, Venezuela

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27901707>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

O tema da cultura na filosofia brasileira

The Theme of Culture in Brazilian Philosophy

José Mauricio de CARVALHO

Departamento de Filosofia da FUNREI, Brasil.

RESUMEN

En este artículo se examinan los principales problemas que aborda el culturalismo brasileño. Se hace una evaluación de este movimiento a través del análisis realizado a los trabajos presentados en los *Coloquios Tobias Barreto*.

Palabras clave: Culturalismo, filosofía brasileña, América Latina.

ABSTRACT

This article examines the principal problems that affect Brazilian culturalism. An evaluation is made of this movement through an analysis made of the works presented in the *Tobias Barreto Colloquy*.

Key words: Culturalism, Brazilian philosophy, Latin America.

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Efetuar um balanço do culturalismo brasileiro não é fácil. A dificuldade não é só apresentar em uma comunicação mais de cem anos da filosofia. Já fizemos um balanço do culturalismo em outra oportunidade (*Antologia do Culturalismo Brasileiro – 1998*), mas esta comunicação tem um novo ingrediente, o de balancear a contribuição que o material produzido nos *Colóquios Tobias Barreto* representa no esclarecimento do culturalismo brasileiro. A dificuldade, neste caso, é avaliar as dezenas de contribuições, sobretudo porque é no culturalismo, conforme lembrou Antônio Paim, que está “a nossa principal contribuição ao patrimônio comum representado pela filosofia ocidental” (2000. p. 386). Outra dificuldade, apontada por Bráz Teixeira, é que “a temática culturalista encontra escasso eco na filosofia portuguesa” (2000. p. 21). Tal situação reduz a possibilidade de comparações e está de acordo com o entendimento de Ortega y Gasset para quem “cada povo elabora uma nova interpretação da vida que não é obra de nenhum indivíduo por genial que seja, senão que procede de todo o povo” (En el centenario de Hegel. *Obras*. v. V, 1994. p. 421).

O *Boletim do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira*, em seu número 1 chama atenção para aspectos da filosofia culturalista examinados nos *Colóquios Tobias Barreto*. Menciona a evolução intelectual de Tobias Barreto e o modo pelo qual sua investigação gnosiológica evoluiu para uma teoria da cultura. Os desdobramentos dessa intuição foram apreciados no *II* e *IV Colóquios* dedicados a Silvio Romero e Miguel Reale.

Historicamente os primeiros culturalistas se opuseram aos ecléticos e positivistas. “A valorização da subjetividade individual e da liberdade no que ela possui de mais íntimo e próprio” (1994. p. 146), o grande feito dos espiritualistas ecléticos, conforme revelou Eduardo Soveral no *III Colóquio Tobias Barreto*, mostrou-se frágil na hora de enfrentar os problemas morais da sociedade brasileira no final do século XIX. Os positivistas tentaram salvar as conquistas da modernidade anulando os exageros da razão subjetiva, mas empobreceram o discurso epistemológico reduzindo a realidade ao que é fornecido pelos sentidos.

As apresentações no *I Colóquio* mostraram como os primeiros culturalistas romperam com o ecletismo e o positivismo. Eles renovaram a compreensão das forças vitais com as quais o homem transforma o mundo, indicando as suas bases axiológicas. Observou-o Pedro Calafate ao mostrar que a seleção artística de Tobias significou “uma oposição à natureza que se apresenta como o domínio do imoral e do ilógico” (1991. p. 140). Essa foi, de fato, a principal contribuição de Tobias Barreto (1839-1889)¹.

Essa intuição de Tobias Barreto dá luminosidade e aprofunda a meditação de seus contemporâneos mais conhecidos: Artur Orlando (1858-1916)², José Izidro Martins Júnior (1860-1909)³, Faelante da Câmara (1862-1904), Fausto Martins (1864-1906) e Tito Lívio de Castro (1864-1890), autores cuja obra foi avaliada por Antônio Paim (1999).

A raiz moral subjacente às ações humanas tema de Tobias, foi retomada por pelo menos duas gerações de culturalistas. A primeira é a de Djacir de Menezes (1907-1914)⁴, Miguel Reale (nascido em 1910)⁵ e Evaristo de Moraes Filho (nascido em 1914)⁶. A segunda reúne Luís Washington Vita (1921-1968)⁷, Antônio Paim (nascido em 1927)⁸, Roque Spencer Maciel de Barros (1927-1999)⁹, Leonardo Prota (nascido em 1930)¹⁰ e Nelson Saldanha (nascido em 1933)¹¹. Talvez seja hora de se começar a falar em uma nova geração, da qual Ricardo Vélez Rodríguez (nascido em 1943)¹² é o mais ilustre representante.

Em notável elaboração de síntese interpretativa das novidades representadas pelo culturalismo brasileiro, Miguel Reale ensinou a olhar as diversas teorias da cultura como

um esforço de esclarecimento do que na vida é patente, sem negar aquilo que nela permanece, “sob a forma de conjectura” (1999. p. 186), um desafio à razão. Este foi o tema das comunicações de Vamirech Chacon, Anna Maria Rodrigues, Pedro Calafate, Nelson Saldanha, Constança Marcondes César, António Bráz Teixeira, Afonso Botelho e Ricardo Rodríguez no *IV Colóquio Tobias Barreto*.

As teorias culturalistas não constituem propriamente uma Escola, formam um movimento em torno do imperativo moral de transformar o mundo¹³. Imperativo que para Tobias Barreto era compromisso menos acadêmico do que desafio real de salvar a liberdade do homem. E é por ser uma nova forma de falar do mundo do homem que os culturalistas proclamam e fixam os elementos desta que consideram seja a grande questão a ser investigada e esclarecida, a cultura enquanto “criação humana” (Paim, 1997. p. 725). É nela que estão as condições de existência singular, onde o homem “realiza fins específicos” (*idem*. p. 725) e se descobre como pessoa humana.

O balanço efetivado nos Colóquios confirma que a especificidade do modo de ser do homem, segundo os culturalistas, é o que o identifica com o seu dever-ser, “uma conquista histórica convertida em invariante axiológica” (Reale, 1998. p. 29). A cultura é, para os culturalistas, um *a priori* no qual o homem edifica existência singular. Eles valorizam a circunstância, mas ao contrário de Ortega y Gasset (1883-1955)¹⁴, colocam no dever a base da moral e o guia das ações que transformam a natureza. O culturalismo nos mostrou que a reflexão filosófica não conseguirá entender o homem e o mundo se não examinar o panorama onde ele vive.

II. A FORMULAÇÃO ORIGINAL DO CULTURALISMO

As comunicações do *I Colóquio* examinaram a formulação original do culturalismo brasileiro. O movimento nasce como reação ao positivismo, proclamando uma dimensão essencialmente humana, o mundo da cultura. Ele é a base de nosso conhecimento e é ele que revela o que o homem é.

Foi mérito de Tobias Barreto, disse-o Paim, haver postulado que “a problemática da cultura ultrapassa os lindes da sociologia ou da antropologia para ser, antes de mais nada, uma questão essencialmente filosófica” (p. 16). A inspiração de Tobias é o neokantismo, “sobretudo (...) enquanto atitude filosófica voltada para a questão dos valores, da cultura e da história”, afirmou Aquiles Guimarães (p. 101). O problema fundamental do culturalismo é entender o conjunto da criação humana que chamamos de cultura. Não se trata, contudo, “de uma volta a Kant (ou ao neokantismo), mas de inspirar-se em Kant, apontando novos caminhos à reflexão e respondendo à crise filosófica do final do século passado”, acrescentou Constança Marcondes César (p. 105). A criação humana possui um componente moral capaz de ir na direção oposta da observada entre os animais. Nossa vida é, pois, um mundo organizado para evitar a brutalidade e não se fechar em objetivos sexuais. Eis o que ficou patente dessas comunicações: os homens têm uma vida singular, eles se associam para dar ao mundo uma face menos violenta ou instintiva, isto é, para corrigir a natureza no que ela tem de imoral. Se os positivistas julgavam que a razão madura era a que se guiava pelas leis naturais, Tobias afirma o contrário. “A natureza não é a santa que supõe, afirma, pelo contrário, ela come, bebe e peca”. Ele completaria dizendo que o processo geral da cultura, que nos cabe criar e conhecer, consiste “em gastar, em desbastar, por assim dizer, o homem da natureza, adaptando-o à sociedade” (Barreto, *Variações anti-sociológicas*. 1977. p. 332). Esse aspecto da meditação tobiática foi realçado nas comunicações de: Paim, 1991. p. 31; Anna Maria Moog Rodrigues, 1991. p. 111; e Paulo Borges, 1991. p. 135 todas

propostas no *I Colóquio*. Naquele mesmo Colóquio, Luís Antônio Barreto explicou o impulso humanizador da cultura desenvolvido por Tobias como uma forma de criar uma sociedade mais justa e democrática (cf. Barreto, 1991. p. 71). Chamou, assim, atenção para um desafio da sociedade brasileira que continua atual.

O culturalismo tobiático considerou que a insurreição contra a natureza propicia um esclarecimento de quem somos nós. O que valoriza a contribuição tobiática é “a visão da cultura como o resultado da afirmação dos valores humanos corrigindo os desvios e excessos da natureza” (Reale, 1991. p. 18). Os portadores de uma luta, que na consciência opõem os altos ideais aos impulsos naturais, vivem também uma outra divisão interior. Ao contrário do que pensaram os positivistas, observou Tobias, medos infantis assombra a vida de filósofos e cientistas. Vivemos divididos entre nosso conhecimento e nossos medos e inseguranças infantis. A racionalidade é uma forma de contenção da natureza que muitas vezes não funciona, razão pela qual o progresso social “fica sempre atrás de todos os programas e corpos de doutrina que pretendem reformulá-la” (Barreto, *Notas a lápis*. 1977. p. 303). A divisão entre o mundo da natureza e o do homem é o que busca realizar, acompanhando Emmanuel Kant (1724-1804)¹⁵. Sabemos que Tobias compreendeu “que os objetos cognoscíveis são determinados pela própria natureza cognoscente” (Barreto, *Relatividade de todo conhecimento*. 1977. p. 313), conclusão retirada da filosofia de Kant. Eis os outros aspectos do legado de Tobias destacados naquele Colóquio.

III. O CULTURALISMO SOCIOLÓGICO

Sílvio Romero (1851-1914)¹⁶ foi contemporâneo de Tobias Barreto e o admirava. Ele organizou e publicou boa parte dos escritos de Tobias, mas neles via uma dificuldade. Ao libertar o eu de sua prisão psicológica, onde lhe trancara o ecletismo espiritualista, Tobias lhe dera uma autonomia inaceitável. Sílvio Romero entendeu que a ação humana não é absoluta, sendo esta a raiz das diferenças em relação a Tobias, afirmou Reale em sua comunicação no *III Colóquio Tobias Barreto* (p. 147). Por isso, o progresso dos povos não depende apenas da inspiração moral ou do dever ser conforme propôs Tobias, mas também dos fatores naturais e étnicos. É essa característica da filosofia de Sílvio Romero, que Aquiles Guimarães identificou e denominou, naquela oportunidade, de “criticismo naturalista” (p. 295). Foi por causa dela, esclareceu Esteves Pereira, que Romero chegou ao conceito de síntese bilateral, por não concordar com “a incompatibilidade das concepções mecanicistas e teleológicas” (Atas, 1996. p. 172). Essa interpretação reforçou o entendimento que se tinha do filósofo porque Romero entendia que “a cultura não é manifestação de uma realidade puramente humana e contrária à natureza” (Carvalho, 2000. p. 151). A atividade humana tem inspiração moral, mas não se opõe à natureza e produz a única forma de transcendência possível, que ele nomeou de evolução. “A civilização humana, disse, obedece também a leis, a forças que lhe são impostas pela natureza do meio externo e interno em que se desenvolve o próprio homem” (Romero, 1908. p. 45). Bráz Teixeira explicou que, para Romero, os fenômenos do espírito são como “uma transformação e correlação dos movimentos da matéria” (Atas, 1996. p. 111).

A singularidade, descrita por Bráz Teixeira, afastou-o do culturalismo tobiático porque culminou no conceito positivista de síntese das ciências. Seu conceito de evolução afastou-se da tradição kantiana assumindo a forma de uma “solução conceitual que superou e acenou para um impulso de ação ou vontade, único motor da natureza” (Carvalho, 2000. p. 139).

O desafio deixado por Romero era esclarecer o papel exercido pela natureza e pela moral na criação da cultura. Foi o que demonstrou Vamirech Chacon quando notou, com perspicácia, que Romero é o ponto de ligação entre a primeira e a segunda Escola do Recife. A primeira é a de Barreto, a Segunda, a de Gilberto Freire, “que tinha poucos pontos em comum com Tobias e muitos com Silvio” (Chacon, 1996. p. 58). Sua comunicação no *III Colóquio* esclareceu o vínculo de Gilberto Freire com o culturalismo.

A relação entre a natureza e a moral sugerida por Silvio Romero e desenvolvida por Gilberto Freire foi o tema de Alcides Bezerra (1891-1938)¹⁷. O filósofo examinou a moralidade segundo as descobertas da antropogeografia e da etnografia; no entanto, preserva a moral como “o elemento catalisador da obra civilizatória do homem”, observou Antônio Paim (1995. p. 53). Antônio Paim e Francisco Martins (1981) esclareceram outro aspecto da evolução do culturalismo, isto é, como se procedeu a passagem entre a geração de Tobias e a que lhe sucedeu.

A solução de Alcides Bezerra, mesmo resguardando o naturalismo do século XIX, preserva a autonomia da moral. O desafio, para a geração seguinte, foi superar o culturalismo sociológico e retornar à tradição iniciada por Tobias Barreto. Foi o que observaram os comunicadores no *IV Colóquio*. A cultura funciona como um *a priori* para os homens. É essa problemática enfrentada por Miguel Reale, segundo se mostrou naquela oportunidade; mas ela também marca o pensamento de Djacir Menezes, autor não examinado nos Colóquios realizados até aqui. Vamos resumir seu pensamento.

IV. A MATURIDADE DO CULTURALISMO BRASILEIRO

Djacir Menezes elaborou sua filosofia culturalista dialogando com Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831)¹⁸. A filosofia hegeliana lhe forneceu a noção de espírito, que representa o resultado do processo histórico da consciência e da busca de sentido para a existência. A busca de explicação para o sentido da vida está, pois, relacionada “ao processo de autojustificação da existência nascida da consciência de si mesmo” (Carvalho, 2000. p. 530). É Djacir que aproxima o culturalismo brasileiro de Hegel para dizer que a verdade absoluta procurada pela filosofia só se esclarece no processo histórico e na vida de cada povo.

Djacir se vale de Hegel para tratar o mundo do homem, porque foi no hegelianismo que encontrou uma forma de superar a cisão entre ser e pensar. Foi ela que levou, durante séculos, a falar de um ser fixo, concebido além do fenômeno. A cisão plantou a fixidez onde ó há movimento. O resultado foi que “na metafísica desliza-se do ontológico para o teológico” (Menezes, 1979. p. 201). Foi preciso superar a fixidez da metafísica clássica para chegar ao entendimento da historicidade da consciência e explicar os movimentos da realidade. A consciência voltada para o dado não elimina as mudanças históricas, afirmou. O movimento não tem sempre o mesmo ritmo, no mundo do homem há períodos revolucionários e de acomodação, que se sucedem sem ordem ou necessidade.

A história da filosofia revela que as explicações filosóficas são expressão de um tempo vivido, ao qual podemos voltar. Cada volta introduz no passado morto a seiva do presente e faz sua interpretação. A marcha do pensamento mostra como o homem amplia o entendimento do processo em que vive, confundindo-se com sua própria história. “O passado nos surge, a cada passo, com novas conotações, oferecendo novos aspectos compreensivos, como se o passado também se transformasse e vivesse à luz da experiência presente” (*idem*. p. 38).

Para Menezes, o que dá singularidade à vida é a cultura. A cultura é a renovação contínua do passado em vista do futuro. Eis como a conceitua: “As sucessivas teorias científicas (...) respiram dentro do pensamento trabalhando na Arte, na Ciência e na Filosofia: tudo acaba irradiando e exprimindo sempre interesse humano, essência humana, aspiração humana. Isso é cultura” (*idem*. p. 79).

Djacir Menezes, ao lado de Miguel Reale, realiza a mais completa descrição da criação humana no âmbito do culturalismo. As idéias de Reale foram, por sua vez, examinadas no *IV Colóquio Tobias Barreto*. Ali Antônio Paim afirmou que o objetivo maior da metafísica culturalista é compreender o modo de ser do homem. Ele esclarece que Reale aprofunda as intuições de Tobias e explica o que é ser pessoa. A descoberta da especificidade da vida se faz na ultrapassagem das posições neokantianas para uma visão culturalista a que se chega quando se suplanta a epistemologia kantiana. Trata-se de propor uma ontognosiologia, processo de concreção e complementaridade, cujos aspectos são matéria da filosofia. É do esforço de descrever o mundo do homem que Reale chega ao que ele objetiva, separando *a priori* cultural recebido daquilo que ele cria em cada tempo. Paim revelou: o culturalismo enseja uma compreensão do mundo propondo que os objetos conhecidos não o são fora da história. Por outro lado isso é pouco, não se trata só de reconhecer o *a priori* cultural na base do conhecimento da realidade, mas entender que aí resta algo do homem transposto para fora de si.

De sua comunicação se apreende que o propósito de Reale não é violar a componente transcendental do kantismo, mas aperfeiçoá-la. A idéia de cultura de Reale não se explicita, esclarece Paim, se não considerarmos a sua teoria dos objetos. O que ele denomina de ontognosiologia é o exame de como a coisa-em-si se dá de modo diverso à consciência, segundo o objeto seja natural, ideal ou um fato da razão. Os objetos culturais abrangem os naturais, os ideais e os valiosos, esclareceu o próprio Reale naquele *IV Colóquio*. Afirmaria posteriormente que cultura é “a unidade sintética de todos os objetos do conhecimento e das criações da espécie humana” (Reale, 2000. p. 17).

No aprofundamento dos objetos da consciência, Reale descobre que os valores não possuem realidade em si, mas se vinculam a atos e coisas. Afirma que os valores não são objetos ideais, cópia de um modelo ideal e definitivo, mas algo que realizamos em nossa experiência, pelos tempos afora. O exame do problema do valor faz a investigação voltar ao homem. É com base nisso que ele critica o desvio proposto por Silvio Romero, pois o homem não é um conjunto de fatos explicados pela ciência, mas um autêntico criador que acrescenta algo ao mundo e à natureza. O cientista quando pensa e interpreta o mundo utiliza todo o saber de sua época. “A teoria do conhecimento deve ser estudada em conexão com a teoria da cultura, alargando-se, assim, as condições *a priori* da cognição” (*idem*. p. 29).

No centro dessa concepção axiológica está o homem como o valor principal, um ente que é o seu dever ser, consciente do que isso implica como dignidade, segundo afirma em sua comunicação no *IV Colóquio Tobias Barreto*: “chego à conhecida conclusão de que o ser do homem é o seu dever ser, o que me levou a apresentar a pessoa humana como valor fonte, porquanto a personalidade é a veste, ou melhor, a dimensão axiológica do indivíduo, o qual somente vale enquanto tem consciência de sua própria valia e enquanto se reconhece igual aos demais indivíduos” (p. 28).

Sua análise ainda mostrou que o pensamento moderno começou com o penso, logo existo. René Descartes (1596-1650)¹⁹ expôs o interior do idealismo, mas existência é mais do que pensamento. A filosofia contemporânea demonstrou-o. Husserl menciona o *a priori*

material na consciência, mas é preciso ir além. Para Reale, o homem é um ente em concreta atualização, existência singular, embora membro da comunidade humana. Destacou, então, a relação entre valor e liberdade. E, assim, tomando o agente da liberdade e do valor como um valor definitivo, a sociedade ocidental enfrenta o desafio de explicar esse espaço de nossa vida que se projeta objetivamente como nosso próprio ser. Foi esse o tema da comunicação de Celso Lafer no *IV Colóquio*. Ali afirmou que: “na reflexão de Reale, a pessoa humana é o valor fonte de todos os valores” (p. 168). As análises seguintes reconhecem que Reale reuniu a sua volta vários discípulos. Quais os que mais se destacaram?

V. OS HERDEIROS DE MIGUEL REALE E DJACIR MENEZES

Pudemos mostrar como os *Colóquios Tobias Barreto* esclareceram os principais aspectos do culturalismo.

Queremos agora mencionar o legado de Reale e Menezes. Começamos lembrando Luís Washington Vita, que desenvolveu a percepção culturalista empregando o conceito situação. Ele ajustou a idéia de circunstância de Ortega y Gasset à noção de *a priori* cultural que Reale lhe sugeriu. Leu-o como uma circularidade entre a ação que se objetiva no espírito e a vida objetivada no mundo. Entender o homem é, pois, compreendê-lo “produto de sua posição dentro de uma época” (Vita, 1965, p. 89). Essa forma de pensar orientou seus estudos da filosofia brasileira, um modo brasileiro de pensar os problemas da filosofia ocidental.

Outro herdeiro de destaque é Roque Spencer Maciel de Barros. Na obra *O fenômeno totalitário* (1990), sugere que a totalidade é uma realidade do homem e dá um novo ritmo à investigação culturalista. A circularidade mencionada por Vita ganha, com ele, um tratamento especial. A condição do existente, afirma, advém do equilíbrio entre as experiências de transcendência e imanência. Por que motivo esse equilíbrio é tão importante? Apenas nessa circunstância o homem é verdadeiramente livre. O existente precisa combinar sua condição de ser simultaneamente único, indivisível e irrepelível, mas ao mesmo tempo também dividido, parcela do todo. O existente faz simultaneamente essa experiência de abertura e recolhimento, tanto melhor entende a si quanto mais se percebe num mundo mudo, em companhia de outros existentes. Essa descoberta deixa ver a liberdade e é a matriz da construção de uma vida singular, que não é, entretanto, um mundo fechado aos outros e às coisas. A dupla percepção de ser íntegro e parcial corresponde às duas circunstâncias próprias do homem e revelam um conflito potencial. A adesão a uma ou outra das estruturas do homem, a imanência ou a transcendência, corresponde à perda da liberdade. Deixar-se seduzir por uma das circunstâncias é mergulhar no fenômeno totalitário, raiz dos sistemas políticos inimigos da liberdade. O espaço intersubjetivo fala algo sobre o modo de ser humano, completa Maciel de Barros. Ele transmite melhor do que qualquer outra manifestação os dilemas humanos e opções mais profundas. A história deste século revela que pela liberdade o homem consegue encontrar-se consigo. Ele exprimiu a dialética entre o sujeito e seu grupo que Djacir Menezes postulou.

Antônio Paim é outro autor de destaque dessa geração. Como estudioso da história da filosofia brasileira realizou, entre nós, o trabalho mais relevante. Examinou a singularidade do pensar filosófico atribuindo destaque à consciência dos problemas, relacionou a ontologia com uma perspectiva voltada para a consciência dos pressupostos do ente, entendeu que está na perspectiva o que existe de universal na filosofia e explicou o sentido da temporalidade do homem. Tornou-se um dedicado analista da experiência moral moderna e avaliou as dificuldades presentes em nosso meio pela recusa de enfrentarmos tal problema. Ele

soube reunir as finas análises ontognosiológicas de Reale à preocupação com a história encontrada em Menezes, elaborando síntese original da filosofia culturalista.

Nelson Saldanha é outro nome a ser lembrado. Ele elaborou uma filosofia da história de moldes culturalistas. Esse projeto começou a ser estruturado em sua tese de doutoramento intitulada *As formas de governo e o ponto de vista histórico*, Belo Horizonte: UFMG, 1958, cuja temática também inspirou *Humanismo e história. Problemas de teoria da cultura*, Rio de Janeiro: José Olímpio, 1983. Nesse livro, a problemática assumiu formulação madura. No entendimento de Nelson Saldanha, a civilização ocidental vive uma fase de auto-reconhecimento; nela, a temporalidade é percebida de modo valorativo e heterogêneo como história cultural. Sua compreensão da cultura como obra do homem permite-lhe superar o historicismo do século XIX. Naquela centúria, acreditava-se numa perspectiva linear da história alimentada pelo sonho de progressos econômico e moral contínuos. O reconhecimento da riqueza multifacetada do processo cultural levou-o a superar o historicismo romântico sem aderir a uma visão anárquica do evolucionar.

Leonardo Prota escreveu vários trabalhos sobre cultura e filosofia. Sua contribuição foi resumida no livro *As filosofias nacionais e a questão da universalidade da Filosofia*. Trata-se de trabalho de fôlego, no qual o autor avaliou os rumos da filosofia moderna. Ele concluiu que aquilo que existe na modernidade são as filosofias nacionais. Diante de tal constatação, precisou investigar *em que consiste a universalidade da Filosofia* (p. XIII), pois filosofia nacional não equivale a explicações parciais da verdade. Com esse trabalho, consolida, na perspectiva dos culturalistas, a interpretação da história da filosofia moderna usando o método de Miguel Reale. Método que foi detalhado por Ricardo Vélez Rodríguez, em sua comunicação no *IV Colóquio* (Atas, 1998. p. 279-285). A novidade de Prota decorre do fato de Reale não haver assumido o seu método de estudo da filosofia brasileira como instrumento para compreensão de outras filosofias nacionais (cf. Reale, 1976. p. 11).

Ricardo Rodríguez é o mais talentoso culturalista da nova geração. Ele aprimorou a questão suscitada por Maciel de Barros contrapondo o desejo de liberdade ao de segurança que, em seu entendimento, coexistem no homem. Os sistemas totalitários refletem o desejo de proteção, os abertos exprimem a expectativa de liberdade. Sua contribuição mais destacada é o esclarecimento do sistema fechado de tipo patrimonial que, segundo entende, é a marca da ibero-américa. O patrimonialismo corresponde a um tipo de sociedade fechada, com características familiares. Para explicar o funcionamento delas, Ricardo Rodríguez atualizou o conceito weberiano de estado patrimonial. Esse tem como esteio a ética do jeitinho e do atalho, através da qual se burlam as regras ordinárias da organização social com o intento de garantir benefícios para poucos. O patrimonialismo possui uma psicologia política denominada de ética patrimonial. O que a tipifica? O fato de o homem projetar, no espaço cultural, a consciência de seus limites e desejar encontrar no útero protetor da organização política, familiar e afetiva aquilo que o dia-a-dia parece lhe negar. O resultado é o homem massa, aqui com um sentido diverso do consagrado por Ortega y Gasset. A sociedade patrimonial estimula o indivíduo a não se pensar fora do grupo.

Antônio Joaquim Severino menciona ainda outros culturalistas²⁰. Dentre os que cita, destacamos, por suas contribuições: Paulo Mercadante (1923)²¹, Vamirech Chacon (nascido em 1934)²² e Luiz Luigi (nascido em 1927)²³.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU DESAFIOS HODIERNOS DO CULTURALISMO

Os *Colóquios Tobias Barreto* fizeram um balanço importantíssimo do culturalismo brasileiro. O exame do legado de Tobias Barreto, Silvio Romero, Gilberto Freire e Miguel Reale, pelas gerações que lhes sucederam, mostram o culturalismo como uma filosofia que esclarece o modo como o homem equilibra o que herda e o que cria. A cultura constitui um *a priori* que está na base da existência concreta. Os estudos mostraram que não há uma existência abstrata sobre a qual atua a cultura. Viver na cultura é parte do modo de ser do homem. As comunicações revelaram ainda que os valores da cultura, com o passar do tempo, acabam adquirindo objetividade e se manifestam, na tessitura existencial, como se inatos fossem. Foi o que examinamos em *O homem e a filosofia*. As meditações sobre a existência e a cultura, que ali empreendemos, refletem o entendimento de que essa relação sugerida pelos culturalistas não é aposição de elementos secundários. A cultura é, simultaneamente, o ponto de partida da existência e o resultado das ações humanas, forma com ela um aspecto indissociável.

O culturalismo chegou, por seus próprios meios, a aspectos que Ortega y Gasset também tematizou: a existência humana é preocupação, e a vida é um diálogo entre existência e cultura. Estas semelhanças não escondem as diferenças: a idéia de que a estrutura da vida é futurição somente faz sentido, no culturalismo, como ideal moral, a interpretação da verdade depende, no culturalismo, do *a priori* cultural e da teoria dos objetos.

Para nós, um balanço como esse mostra que o sentido da existência humana se revela tanto nas dificuldades que brotam das tentativas de objetivar o conhecimento do mundo quanto nas obras que lançadas no mundo passam a valer por si só. O homem só realiza sua humanidade nas trocas que faz entre o que recebe e o que põe no mundo. A filosofia culturalista ajuda a clarear esse problema e resguarda a função insubstituível da filosofia de esclarecê-lo.

A confirmação de que a questão a ser aprofundada é mesmo a relação entre a vida singular e sua imersão no meio cultural veio com a publicação de *Variações* (1999) e de *Cinco temas do culturalismo* (2000) por Miguel Reale. Em ambos a realidade experiencial, concreta e pessoal é o que conta. No segundo livro, Reale trata do tema, reconhecendo “que Ortega y Gasset estava correto ao reconhecer que eu sou eu e minhas circunstâncias” (2000, p. 28). Contudo, também marca posição própria ao explicar que a realidade concreta do homem inclui um *a priori* cultural que completa o “*a priori* formal visto por Kant, e o *a priori* material, visto por Husserl” (*idem*, p. 44). Aprofundando a relação existência e cultura, a filosofia culturalista contribui para explicar o sentido da presença humana no mundo, segundo comprovaram as intervenções registradas nesses colóquios, cujo primeiro ciclo, estamos concluindo.

NOTAS

1. O filósofo nasceu em Campos, no Estado do Sergipe, em 7 de junho de 1839, e morreu em Recife em 26 de junho de 1889. Teve uma formação filosófica básica na Bahia onde foi aluno de Frei Antônio da Virgem Maria Itaparica, em 1861. Em 1862, transferiu-se para Recife, capital de Pernambuco, ingressando em 1864 na Faculdade de Direito daquela cidade. Concluiu seus estudos em 1869, aos trinta anos de idade, e voltou para o interior em 1871. Neste ano passou a viver na cidade de Escada, onde atuou como advogado, sem perder, contudo, o contato com a vida intelectual da capital. Este período de Escada durou até 1881 e foi importante porque nele Tobias procedeu a revisão crítica do

espiritualismo eclético e iniciou a aproximação com a filosofia alemã, que marcaria sua trajetória intelectual e o principal de sua contribuição filosófica. Retornando à Recife, Tobias Barreto participou de um concurso memorável tendo como concorrentes José Augusto de Freitas, formado na Faculdade do Recife em 1879, Lomelino Drumond, diplomado em 1872 e mais Gomes Parente e Machado Portela Filho. Aprovado em primeiro lugar tomou posse como professor substituto em 14 de agosto de 1882. Nesta fase, na condição de professor, aprofundou o seu conhecimento da filosofia alemã, aderindo ao monismo de Ludwig Noiré (1829-1889). Este fato serviu para desacreditar a Escola do Recife, entendida como o desenvolvimento de uma filosofia que a posteridade relegou ao esquecimento. No entanto, à partir de 1886, Tobias Barreto parece haver entendido as principais novidades trazidas pela filosofia de Emmanuel Kant (1724-1804). Nesta etapa de sua vida escreveu trabalhos importantes inspirando-se no criador da filosofia transcendental. No entanto, muitos de seus projetos foram interrompidos devido à doença que o acometeu pouco depois, devido à vida boêmia que levava. Em 1888 seu estado de saúde agravou-se e ele caiu de cama. Praticamente não mais se levantou até sua morte em 26 de junho de 1889. O pensamento de Tobias Barreto evoluiu passando por três ciclos bem definidos: o inicial de 1868-1874, caracterizando-se pela adesão ao ecletismo espiritualista e aproximação ao positivismo, o segundo de 1875-1882 no qual começou a tomar forma uma meditação mais madura que se distanciava do positivismo e finalmente o terceiro, que cobre os últimos seis anos de sua vida, quando se esboçou uma aproximação ao neo-kantismo. O principal da contribuição tobiática, no que se refere ao mundo do homem, vem desta terceira fase e está no reconhecimento do distanciamento entre o homem natural e o cultural. O homem dominado por instintos, que não reconhece normas ou convenções é muito diferente daquele que constrói o mundo moral, segue uma religião e elabora normas jurídicas. A precisa compreensão da cultura na forma como vinha sendo estudada pelos discípulos de Kant na Alemanha decorre dos estudos que Tobias realizou dos pensadores alemães. Os escritos da primeira fase, ocasião em que rompeu com o ecletismo espiritualista e aproximou-se do positivismo foram: *Guizot e a escola espiritualista* (1868), *A propósito de uma teoria de Santo Tomás de Aquino* (1868), *Teologia e teodicéia não são ciências* (1868), *Fatos do espírito humano* (1869), *Sobre a religião natural de Jules Simon* (1869), *Sobre a motricidade* (1869), *A religião perante a psicologia* (1870), *A ciência da alma ainda e sempre contestada* (1871) e *Sobre a filosofia do inconsciente* (1874). Os escritos da segunda fase, quando rompeu com o positivismo foram: *Deve a metafísica ser considerada morta* (1875), *O partido da reação em nossa literatura* (1879), *O haeckelismo na zoologia* (1880), *Algumas idéias sobre o chamado fundamento do direito de punir* (1881), *Sobre uma nova intuição do direito* (1881), *Uns traços ligeiros sobre a vida religiosa no Brasil* (1881). Foi nos últimos anos de vida que se consolidaram as críticas que teceu ao positivismo e se desenvolveram suas teses sobre a cultura, no que se resume o principal de sua contribuição filosófica. Quais os estudos elaborados nesta terceira e decisiva fase? São eles: *Dissertação de concurso* (1882), *Notas a lápis sobre a evolução emocional e mental do homem* (1884), *Relatividade de todo conhecimento* (1885), *Glosas heterodoxas a um dos motes do dia, ou variações anti-sociológicas* (1887), *Recordações de Kant* (1887), *A irreligião do futuro* (1888) e a *Introdução ao estudo do direito* (1887/1888). O aprofundamento da filosofia proposta por Tobias Barreto poderá ser realizado com uma consulta aos seguintes trabalhos: *Época e individualidade* (1895), *Esboços e fragmentos* (1899), *História da faculdade de direito do Recife* (1927), todos de Clovis Beviláqua; *Tobias Barreto* (1934) e *Minha formação no Recife* (1955) de Gilberto Amado; *Tobias Barreto, o homem pêndulo* (1937), Roberto Lira; *Tobias Barreto, poeta* (1939), de Dário de Bittencourt; *Tobias Barreto e sua época* (1939) e *O pensamento vivo de Tobias* (1943), de Hermes Lima; *Inteligência no Brasil* (1935), de José Maria Belo; *Preciso de história da filosofia* (1938), de Paulo Augusto; *Tobias Barreto* (1943), de Nelson Romero; *A doutrina de Kant no Brasil* (1949), de Miguel Reale; *Tobias Barreto* (1952), de Paulo Dantas; *Tobias Barreto e Machado de Assis* (1954), de Abelardo Fernando Montenegro; *Casa de Tobias* (1955), de José F. Menezes; *Da escola de Recife ao Código Civil* (1969) e *História das idéias socialistas no Brasil* (1981), de Vamirech Chacon; *A escola do Recife, em gestos e vozes de Pernambuco* (1970), de Luís Delgado; *Tobias Barreto na cultura brasileira* (1972), de Paulo Mercadante e Antônio Paim; *Conceito ideológico da Escola do Recife* (1980), de Francisco Alcântara Nogueira; *Aspectos do pensamento alemão na obra de Tobias Barreto* (1985), de Lillian de Abreu Pessoa; *Um pensador da Escola de Recife* (1987) e *Tobias Barreto e a revolução jurídica alemã*

(1988) de Virgílio Campos; *Tobias Barreto, antologia de idéia, uma revelação* (1974) e *A concepção filosófica de Tobias Barreto* (1980) de Paulo Campos Côrtes; *A Escola do Recife* (1985), de Nelson Saldanha; *Um estudo sobre Tobias Barreto* (1989), de Anoar Aiex; *A filosofia da ciência na Escola do Recife* (1989), de Aluizio Bezerra Coutinho; *Tobias Barreto, a abolição da escravatura e a organização da sociedade* (1988), *Tobias Barreto e a filosofia no Brasil* (1990) e *Tobias Barreto* (1994) três trabalhos de Luís Antônio Barreto; *Importância e limitações da obra filosófica de Tobias Barreto* (1967), *O pensamento filosófico de Tobias Barreto* (1992), obra coletiva com vários artigos sobre as idéias de Tobias Barreto publicada, em Portugal, pela UNL: *História das idéias filosóficas no Brasil* (1997), *A filosofia da Escola do Recife* (1999) de Antônio Paim; *Un giurista tropicale* (2000), de Mario G. Losano e o verbete do *Dicionário Bibliográfico de Autores Brasileiros* (1999), da Coleção Básica Brasileira do Senado Federal. Pode-se ler também o comentário sobre o filósofo na nossa *Antologia do culturalismo brasileiro* (1998) e no *Curso de Filosofia Brasileira* (2000).

2. Artur Orlando nasceu em Recife (Pe) em 29 de junho de 1853 e morreu a 29 de março de 1916. Formou-se em Direito em 1853 e tentou sem sucesso a carreira universitária. Ao longo da década de noventa consagrou-se como um dos principais articulistas do jornal *A Província*, que se tornou o órgão oficial do Partido Autonomista, uma dissidência do Partido Republicano. Foi também neste período que se tornou escritor apreciado e publicou a maior parte de suas obras. Entre elas se destacam: *Filocrítica* (1886), *Meu Álbum* (1891), *Ensaio de crítica* (1904), *Propedêutica, política jurídica* (1904), *Novos Ensaio* (1905), *Pan-americanismo* (1906), *Reforma do ensino* (1907), *Porto e cidade do Recife* (1908), *São Paulo versus Alexandre IV* (1910), *Clima brasileiro* (1911), *Brasil, a terra e o homem* (1913). Para um estudo mais aprofundado sobre o autor leia: *Filosofia, educação, sociedade e direito na obra de Artur Orlando* (1980) e *A Filosofia de Kant no Brasil: ciclo do neokantismo* (1984), de Rosa Mendonça de Brito; *Da Escola do Recife ao Código Civil* (1969), de Vamirech Chacon; *A Filosofia da Escola do Recife* (1981) e *a Escola do Recife* (1999) de Antônio Paim.

3. José Izidoro Martins Júnior nasceu em Recife em 24 de novembro de 1860 e morreu no Rio de Janeiro em 22 de agosto de 1904. Diplomou-se na Faculdade de Direito do Recife em 1883 da qual logo se tornou colaborador. Depois da proclamação da República foi nomeado professor e responsável pela cadeira História do Direito Nacional. Foi Diretor da Faculdade, Presidente da Província de Pernambuco, Deputado Federal. No Rio de Janeiro integrou a Faculdade de Ciências Sociais da cidade. Escreveu: *Vigílias literárias* (1879), *O crime da vitória* (1880), *A propósito da conversão de Littré* (1881), *Scalpello* (1881), *Visões de hoje* (1881), *Stenografo* (1882), *A poesia científica* (1883), *Retalhos* (1884), *Estilhaços* (1865), *Jesus e os Evangelhos* (1886), *Há crime na ofensa à memória dos mortos* (1887), *Fragmentos jurídicos-filosóficos* (1891), *Tela polycroma* (1893), *História do direito natural* (1895), *Compêndio de história geral do direito* (1898), *Um capítulo da história política* (1898), *Soberania e Acre* (1914). Para um estudo de seu pensamento leia: *Martins Júnior*, de Henrique Martins; *Martins Júnior*, de Rangel Moreira; *Três mestres do direito no batente do jornal* (1966), de Luís do Nascimento (1966) e *A Escola do Recife*, de Nelson Saldanha (1985).

4. Djacir de Menezes nasceu em Maranguape (Ce) a 16 de novembro de 1907 e morreu na cidade do Rio de Janeiro em 9 de junho de 1996, aos 88 anos de idade. Fez o curso de humanidades no Ceará, mas o Curso de Direito, iniciado em seu estado natal, somente foi concluído no Rio, na Faculdade Nacional de Direito. O doutorado ele o defendeu na Faculdade de Direito do Ceará em 1932, com a tese intitulada *Kant e a idéia do direito*, tornando-se, a partir daí, professor daquela instituição. Em 1938 obtém a cátedra de *Introdução à ciência do direito*. Em 1939 é um dos fundadores e o primeiro Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará. Nos anos quarenta muda-se para o Rio de Janeiro depois de aprovado em dois concursos, um na Faculdade de Filosofia e outro na Faculdade de Economia, ambas integrantes da Universidade do Brasil, mais tarde denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nessa última Faculdade torna-se catedrático de *História das doutrinas econômicas*. Além dos trabalhos acadêmicos exerceu vários cargos administrativos, sendo Diretor da Faculdade de Economia e Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Depois de jubilado tornou-se professor emérito daquela instituição. Foi fundador e diretor do *Centro de Estudos Brasileiros* (em Buenos Aires) e do *Centro cultural Brasil-Bolívia* (La Paz). Participou de diferentes instituições entre as quais: o Instituto Brasileiro de Filosofia, o Instituto Histórico Brasileiro, o Instituto do Ceará

e o Conselho Federal de Cultura. Suas obras mais significativas são: *O problema da realidade objetiva, crítica às tendências idealistas da filosofia moderna* (1932 - 2. ed. ampliada em 1971), *Diretrizes da educação nacional, significação sociológica da educação; seus fundamentos biológicos* (1932), *Análise científica dos fenômenos históricos* (1933), *Psicologia, precedida de uma introdução anatomo-fisiológica para uso das escolas normais e ginásios equipados* (1933 - 2. ed. em 1937 e 3. ed. em 1941), *Direito, socialismo e confucionismo* (1ª parte - 1934, 2ª parte em 1935 e 3ª parte em 1936), *A teoria científica do direito* (1934), *Princípios de sociologia, de acordo com o programa oficial* (1934 - 2. ed. em 1944), *Aspectos da economia nacional* (1934), *Introdução à ciência do direito* (1934 - 4. ed. em 1964), *Dicionário Psico-pedagógico* (1935), *Economia política* (1936), *O outro nordeste, formação do nordeste pastoril* (1937 - 2. ed. em 1970), *Preparação ao método científico, breve introdução à filosofia moderna* (1938), *O princípio da simetria e os fenômenos econômicos* (1939), *O ouro e a nova concepção da moeda* (1941), *Direito administrativo moderno* (1943), *O Brasil econômico* (1944), *Das leis econômicas* (1945), *Curso de Economia Política* (1947), *Crítica social de Eça de Queiroz* (1950), *Finanças nas empresas* (1952), *ABC da economia* (1953), *As elites agressivas* (1953), *Estudos de sociologia e economia* (1953), *O Brasil no pensamento brasileiro* (1957), *Raízes pré-socráticas no pensamento atual* (1957 - 2. ed. em 1971), *O sentido antropogênico da história* (1959), *Hegel e a filosofia soviética* (1959), *A querela anti-Hegel* (1960), *Temas de filosofia política* (1962), *Evolucionismo e positivismo na crítica de Farias Brito* (1962), *Mondolfo e as interrogações de nosso tempo* (1963), *Proudhon, Hegel e a dialética* (1966), *Textos dialéticos de Hegel* (1969), *Poesias heréticas e Heresias poéticas* (1970), *Democracia e misticismo* (1971), *Idéias contra ideologias* (1971), *Curriculum Vitae* (1972), *Teses quase-hegelianas* (1972), *Temas polêmicos* (1975), *Motivos alemães* (1977), *Tratado de filosofia do direito* (1979), *Premissas do culturalismo dialético* (1979), *A juridicidade em Tomás de Aquino e Karl Marx* (1982). Para um maior conhecimento das idéias de Djacir Menezes consultar os seguintes trabalhos: *Brasil e os brasileiros de hoje* (1961), de Afrânio Coutinho; *Dicionário literário* (1969), de Raimundo Menezes; *Djacir de Menezes e as perspectivas do pensamento contemporâneo* (1979), organizado por Moacir Teixeira de Aguiar; *Dicionário histórico - biográfico brasileiro* (1984), da Fundação Getúlio Vargas; *Problemática do culturalismo* (1995), de Antônio Paim; *História das idéias filosóficas na Faculdade de Direito do Ceará* (1996), de João Alfredo de Souza Montenegro; *História das idéias filosóficas no Brasil* (1997), de Antônio Paim; o verbete no *Dicionário Biobibliográfico dos Autores Brasileiros* (1999), da Coleção Básica Brasileira do Senado Federal; o capítulo que lhe dedicamos em *Antologia do culturalismo brasileiro* (1998) e no *Curso de filosofia brasileira* (2000). Muitos foram os artigos escritos sobre o filósofo, bastando lembrar alguns deles: *Fracassos gloriosos* (1960), de Joaquim Pimenta; *Nossa homenagem a Djacir Menezes* (1978), Revista Brasileira de Filosofia; *O agostinismo de Djacir* (1992), de Antônio Carlos Villaça e *A lição final de Djacir Menezes* (1996), de Machado Paupério.

5. Miguel Reale nasceu em São Bento do Sapucaí em 6 de novembro de 1910. Fez o curso primário em Itajubá, Minas Gerais, mudando-se, em seguida, para São Paulo onde estudou o secundário no Instituto Médio Dante Alighieri e, em seguida, frequentou a tradicional Faculdade de Direito da USP que concluiu em 1934. Ocupou vários cargos da administração pública em São Paulo, inclusive o de Reitor da USP. Desenvolveu intensa atividade política fundando em 1936 a revista mensal *Panorama* e o diário *Ação*. Fundou o Instituto Brasileiro de Filosofia e criou a Revista Brasileira de Filosofia, presidindo o primeiro desde 1949 e dirigindo a segunda desde 1951. É membro da Academia Brasileira de Letras, presidente honorário da *International Association for Philosophy of Law and Social Philosophy*, havendo obtido o título de Doutor *honoris causa* de doze universidades, dentre as quais as de Gênova, Lisboa e Coimbra. O filósofo é autor de uma obra vasta e variada da qual devemos realçar os seguintes livros: *O estado moderno* (1933), *Formação da burguesia política* (1935 - 2ª ed. 1983), *O capitalismo internacional* (1935 - 2ª ed. 1983), *Atualidades de um mundo antigo* (1936), *Atualidades brasileiras* (1937 - 2ª ed. 1983), *Fundamentos do direito* (1940), *Teoria do direito e do estado* (1940 - 4ª ed. 1984), *A doutrina de Kant no Brasil* (1949), *A filosofia do direito* (1953 - 2ª ed. em 1980), *Horizontes do direito e da história* (2ª ed. em 1977), *Nos quadrantes do direito positivo* (1960), *Filosofia em São Paulo* (2ª ed. em 1976), *Parlamentarismo brasileiro* (1962), *Pluralismo e liberdade* (1963 - 2ª ed. 1998), *Imperativos da Revolução de março* (1965), *Poemas do amor e do*

tempo (1965), *Introdução e notas dos Cadernos de Filosofia do Pe. Feijó* (1967), *Teoria tridimensional do direito* (1968 – 5ª ed. 1994), *Da Revolução à Democracia* (1969- 2ª ed. em 1977), *O direito como experiência* (1968), *Direito administrativo* (1969), *Problemas de nosso tempo* (1969), *Imperativos da revolução de março* (1965), *Cem anos de ciência do direito no Brasil* (1973 – 24ª ed. 1997), *Experiência e cultura* (1977), *Política de ontem e de hoje* (1978), *Estudos de filosofia e ciência do direito* (1978), *O homem e seus horizontes* (1980), reeditada em 1997. *Revogação e anulamento do ato administrativo* (1980), *Poemas da noite* (1980), *Questões de direito* (1981), *Lições preliminares de direito* (1981), *A filosofia na obra de Machado de Assis* (1982), *Verdade e conjectura* (1983), *Direito natural/direito positivo* (1984), *Figuras da inteligência brasileira* (1984), *Teoria e prática do direito* (1984), *Sonetos da verdade* (1984), *Por uma constituição brasileira* (1985), *Reforma universitária* (1985), *O projeto do código civil* (1986), *Liberdade e Democracia* (1987), *Memórias* (1987), *O belo e outros valores* (1989), *Vida oculta* (1990), *De Tancredo a Collor* (1992), *Face oculta de Euclides da Cunha* (1993), *Estudos de filosofia brasileira* (1994), *Paradigmas da cultura contemporânea* (1996) e *O estado de direito e o conflito das ideologias* (1998), *Das letras à filosofia* (1998) e *Variações* (1999). Mencionamos também alguns de seus principais artigos: *Giambattista Vico, a jurisprudência e a descoberta do mundo da cultura* - RBF 1 (4): 408-422, 1951; *Kierkegaard e o nosso tempo* - RBF 6 (22): 181-191, 1956; *A filosofia da história do Brasil na obra de Gilberto Freire* - RBF 9 (35): 293-299, 1959; *A filosofia no Brasil* - (Anais, 1959); *Pedro Lessa e a filosofia positiva em São Paulo* (Anais, 1959); *Fundamentos da concepção tridimensional do direito* - RBF 10 (40): 455-470, 1960; *Estará a universidade em crise* - RBF 1 (3): 324-326, 1961; *A problemática dos valores entre dois mundos em conflito* - RBF 11 (43): 322-336, 1961; *Lei e direito na concepção de Farias Brito* (Anais, 1962); *Ontogenoseologia, fenomenologia e reflexão histórico-crítica* - RBF 16 (62): 161-201, 1966; *Sentido do pensar do mundo moderno* - RBF 25 (100): 389-404, 1975; *Política e direito na doutrina de Nicolai Hartmann* - RBF 26 (101): 3-27, 1976; *Filosofia fenomenológica e existencial* - RBF 27 (107): 312-316, 1977; *Dialética da experiência jurídica* - RBF 29 (115): 239-246, 1979; *Pontes de Miranda na cultura brasileira* - RBF 31 (123): 177-183, 1981; *Experiência jurídica e código civil* - Anais, 1981). Para um aprofundamento das idéias de Reale é desejável consultar a seguinte bibliografia: *Meditações sobre o mundo moderno* (1943), de Alceu Amoroso Lima; *Introdução à ciência do direito* (1954), de Hermes Lima; *O pensamento jurídico contemporâneo* (1955) e *Introdução à ciência do direito* (1960), ambos de Paulo Dourado Gusmão; *Miguel Reale, filósofo y jurista* (1956), de Miguel Herrera Figueroa; *Namoro com Thémis* (1958), de Luís Washington Vita; *O pensamento filosófico no Brasil hoje* (1961), de Henrique Cláudio de Lima Vaz; *Vita e forma nella realtà di diritto* (1964), de Dino Pasini; *Miguel Reale e a renovação dos estudos jurídicos no Brasil* (1966), de Teófilo Cavalcanti Filho; *Filosofia do direito e do estado* (1966), de Cabral de Moncada; *A filosofia contemporânea no Brasil* (1969), de L. Acerboni; *La ontologia jurídica de Miguel Reale* (1975), de Pablo Lopez Blanco; *Estudos em homenagem a Miguel Reale* (1977), organizado por Teófilo Cavalcanti Filho; *La problematica del culturalismo brasileiro* (1978), de Max Solares Duran; *A ontogenosiologia de Miguel Reale* (1978), de F. L. Olmedo; *A experiência como determinante cultural no pensamento de Miguel Reale* (1979), dissertação de mestrado de Domingos Girelli; *a fundação da experiência em Miguel Reale* (1980), dissertação de mestrado de Alzira Muller; *Miguel Reale na UnB* (1981), vários autores; *Atas do IV Colóquio Tobias Barreto* (1988); *Anais do IV Congresso Brasileiro de Filosofia do Direito* (1990); o capítulo VI da *História das idéias filosóficas no Brasil* (1997), de Antônio Paim; o capítulo VII de *A filosofia contemporânea no Brasil* (1997), de Antônio Joaquim Severino; *Bibliografia e estudos críticos* (1999), do Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro; o verbete do *Dicionário Bibliográfico de Autores Brasileiros* (1999) da Coleção Básica Brasileira do Senado Federal; *A teoria dos valores de Miguel Reale, fundamento de seu tridimensionalismo jurídico* (1999), de Angeles Mateos García e o item V de *Antologia do culturalismo brasileiro* (1998) que lhe dedicamos e também o capítulo proposto em nosso livro *Curso de Filosofia Brasileira* (2000). Além desses livros e ensaios há mais de uma centena de artigos sobre as idéias filosóficas de Miguel Reale.

6. *Evaristo de Moraes Filho* (nasc. em 1914) é autor de uma vasta obra que alcança diversos campos. De uma perspectiva filosófica merecem destaque *Profetas de um mundo que morre* (1946), *Marcel Proust e o realismo dos dois lados* (1956), *Francisco Sanches e a dúvida metódica na Renascença Portuguesa* (1953), *A contribuição de Joaquim de Carvalho para a compreensão de Francis-*

co Sanches (1958), *o ensino da filosofia no Brasil* (1959), *Liberdade e cultura* (1980), *Rui Barbosa e a filosofia existencial* (1983).

7. Luís Washington Vita nasceu em São Paulo em 23 de março de 1921. Estudou Direito e Filosofia. Em 1960 assumiu as funções de secretário da *Revista Brasileira de Filosofia* e passou a atuar no magistério superior. Elaborou uma magnífica antologia da obra de Silvio Romero que serviu de inspiração para outros interessados no estudo da filosofia brasileira. Junto com Reale planejou a publicação de uma biblioteca do pensamento brasileiro e trabalhou para a introdução da disciplina Filosofia Brasileira nos Cursos de Filosofia. Morreu prematuramente em 1968 com 47 anos de idade deixando vários projetos inacabados. Escreveu: *Materialismo histórico e economia marxista* (1948), *Um Congresso Internacional de Filosofia* (1949), *Encontro d'água, apontamentos de filosofia* (1949), *A filosofia no Brasil* (1950), *Arte e existência* (1950), *Leonardo Coimbra, testemunhos de seus contemporâneos* (1950), *Da técnica como problema filosófico* (1950), *Antero de Quental* (1951), *Compendio de filosofia* (1954), *Introdução à pedagogia musical* (1956), *Páginas de estética* (1956), *Soren Kierkegaard* (1956), *Temas e perfis* (1957), *Namoro com Thêmis* (1958), *O mito de Hefestos* (1959), *Escorço da filosofia no Brasil* (1964), *Momentos decisivos do pensamento filosófico* (1964), *Monólogos e diálogos* (1964), *A Introdução a filosofia* (1965), *Antologia do pensamento social e político no Brasil* (1968), *A pequena história da filosofia* (1968), *A filosofia contemporânea em São Paulo* (1968) e *Panorama do Brasil* (1969).

8. O pensador nasceu em 1927 na Bahia e dedicou-se ao exame de inúmeros problemas, sendo autor de obra extensa e variada. Na década de 50 cursou Filosofia na Universidade Lomonosov, em Moscou, e na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. Foi professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e na Universidade Gama Filho, aposentando-se em 1989. Na PUC-RJ organizou e coordenou o curso de mestrado em Pensamento Brasileiro. Na Universidade Gama Filho, juntamente com o Dr. Eduardo Abranches de Soveral, implantou o doutorado em Pensamento Luso-Brasileiro, ocasião em que orientou diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Preside o Conselho Acadêmico do Instituto de Humanidades e é membro titular do Instituto Brasileiro de Filosofia. Antônio Paim também pertence aos quadros da Academia Brasileira de Filosofia, Pen Clube do Brasil, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Academia de Ciências de Lisboa e Instituto de Filosofia Luso-Brasileiro. Além dos trabalhos como professor universitário de filosofia, desde fins dos anos 50 trabalhou como assessor de diversos órgãos oficiais como BNDS, FINEP, Governo do Estado da Bahia, Ministério da Aeronáutica e Ministério da Agricultura. O principal de seu trabalho acadêmico concentra-se no estudo da filosofia brasileira, onde organizou um grupo de professores e pesquisadores. Dedicou atenção especial as questões de ética e política, escrevendo trabalhos importantes não só para o pensamento brasileiro como para se entender a cultura ocidental, universo onde se desenvolveu diferentes modelos éticos. Ainda no âmbito cultural promoveu a reedição de importantes textos de filósofos brasileiros, entre os quais destacamos a obra de Oliveira Vianna (1883-1889), incluindo textos que permaneceram inéditos por 40 anos e as *Obras Completas* de Tobias Barreto, em parceria com Paulo Mercadante. Ele também participou da organização de diversas coleções ligadas ao pensamento brasileiro, entre as quais mencionamos a *Estante do Pensamento Brasileiro*, dirigida por Miguel Reale, da *Biblioteca do Pensamento Brasileiro*, dirigida por Adolpho Crippa; da *Coleção Pensamento Político Republicano*, dirigida por Carlos Henrique Cardim e da *Coleção Reconquista do Brasil*, da Editora Itatiaia. Entre suas contribuições mais significativas devemos mencionar os seguintes livros: o clássico *História das idéias filosóficas no Brasil* (5ª ed. em 1997), *Tobias Barreto na cultura brasileira: uma reavaliação* (1972), *Problemática do culturalismo* (2ª ed. em 1995), *A ciência na universidade do Rio de Janeiro* (1977) revista e republicada com o título *A UDF e idéia de universidade* (1981), *A questão do socialismo hoje* (1981), *Evolução histórica do liberalismo* - em colaboração (1987), *A evolução do pensamento político brasileiro* (1989) - organizador em colaboração com Vicente Barreto, *Bibliografia filosófica brasileira 1808-1930* (1988), *A filosofia brasileira* (1991), *Modelos éticos; introdução ao estudo da moral* (1992), *A querela do estatismo* (1994), *Fundamentos da moral moderna* (1994), *O liberalismo contemporâneo* (1995), unidades do *Curso de introdução ao pensamento político brasileiro* (1995), *Curso de Humanidades* (1997) - em colaboração com Leonardo Prota e Ricardo Veléz Rodrigues, com os seguintes títulos publicados: *História da cultura* (em 4 volumes - 1998),

Política (1989), *Moral* (1997), *Religião* (1997), *Filosofia* (1999). Também publicou os *Estudos complementares à história da filosofia brasileira* - V volumes: *O pensamento filosófico brasileiro* (1979), *As filosofias nacionais* (1997) - inclui parte do opúsculo *Das filosofias nacionais* (1991), *Etapas iniciais da filosofia brasileira* (1998), incluindo o livro *Cairu e o liberalismo econômico* (1968), *A escola eclética* (1996), *A Escola do Recife* (2ª ed. em 1981). Recentemente, editou os seguintes livros: *Bases e características da cultura ocidental* (1999) e *Cidadania, o que todo cidadão precisa saber* (1999). Destaquemos também os opúsculos: *Os novos caminhos da universidade* (1981), *O modelo de desenvolvimento implantado pela aeronáutica* (1987), *Oliveira Viana de corpo inteiro* (1989), *Roteiro para estudo e pesquisa da problemática moral na cultura brasileira* (1996), *Agenda teórica dos liberais brasileiros* (1997), *O krausismo brasileiro* (1998) e *Vicente Ferrer no contexto da Escola Eclética brasileira* (1999). Além destes livros e opúsculos o estudioso já publicou uma centena de ensaios e mais de trezentos e cinquenta artigos, resenhas e apresentações. Desejaríamos destacar os seguintes ensaios pela contribuição que significaram para a compreensão da filosofia brasileira: *A obra filosófica e a evolução de Tobias Barreto* - Revista do Livro, n° 14, junho de 1959; *O ecletismo de Antônio Pedro de Figueiredo* - RBF 61, 1966; *Importância e limitações da obra filosófica de Tobias Barreto* - Revista do Livro, n° 27/8, 1965; *Introdução à filosofia contemporânea no Brasil: a mentalidade positivista* - RBF 64, 1966; *A evolução do marxismo* - Cadernos Brasileiros, n° 43, 1967; *Graça Aranha e os problemas legados à posteridade pela Escola do Recife* - RBF 72, 1968; *Silvestre Pinheiro Ferreira e a evolução do pensamento brasileiro no Século XIX* - RBF 76, 1968; *Culturalismo e consciência transcendental* - RBF 81, 1971; *A vertente psicológica do ecletismo na obra de Eduardo Ferreira França* - Universitas 8/9, 1971; *A superação do empirismo mitigado na obra de Silvestre Pinheiro Ferreira* - RBF 102, 1976; *Momentos destacados del pensamiento filosófico brasileño* - Revista da Universidad de Medellín, 22, 1976; *O ciclo de formação da corrente eclética* - RBF 104, 1976; *Reale e o ponto de vista da consciência transcendental* - Estudos em homenagem a Miguel Reale, 1977; *A questão da originalidade do pensamento filosófico brasileiro* - RBF 107, 1977; *A corrente culturalista* - Convivium 3 (20), 1977; *Fundamentos morais da cultura brasileira* - Ciências Humanas 5 (2) 1978; *Correntes atuais do pensamento brasileiro* - Presença Filosófica 5 (3), 1979; *A ética na meditação brasileira* - Anais do Simpósio Internacional de Ética, 1980; *O processo de formação do tradicionalismo político no Brasil* - Ciências Humanas 18/9, 1981; *Gonçalves de Magalhães e o apogeu do ecletismo brasileiro* - RBF 127, 1982; *O cientificismo e seus ciclos no Brasil* - RBF 129, 1983; *Uma visão renovada do tradicionalismo* - Convivium 28, 1985; *O Krausismo brasileiro* - Anais, 1988; *A trajetória filosófica de Tobias Barreto* - RBF 154, 1989; *O modelo de pesquisa da filosofia brasileira* - Anais, 1989; *Merquior e a questão do liberalismo social* - Tempo Brasileiro 109, 1992; *Os grandes ciclos da escola eclética* - Atas do II Colóquio Tobias Barreto, 1994; *Notas sobre o conceito de filosofia luso-brasileira* - RBF 175, 1994; *La filosofía contemporánea in Brasile* - Paradigmi 35, 1994; *A contribuição de Celso Lafer ao liberalismo brasileiro contemporâneo* - RBF 180, 1995; *Avaliação crítica da moral contra-reformista* - Ciências Humanas 20, 1997; *Miguel Reale e a autonomia da axiologia* - Atas do IV Colóquio Tobias Barreto, 1998; *A filosofia católica entendida como perspectiva filosófica na obra de Zilles* - Anais, 1999; *O que se deve entender por filosofia* - Digesto Econômico, 1999. Para melhor entendimento das idéias filosóficas de Antônio Paim sugerimos a leitura do catálogo *A filosofia no Brasil* (1990), de Antônio Joaquim Severino; do verbete que a enciclopédia LOGOS (1991) lhe dedicou; dos *Anais do V Encontro dos Professores e Pesquisadores da Filosofia Brasileira* (1995), voltado para o estudo de sua obra e organizado por Leonardo Prota; do verbete do *Dicionário Bibliográfico dos Autores Brasileiros* (1999), da Coleção Básica Brasileira do Senado Federal; do capítulo que lhe dedicamos em *Antologia do culturalismo brasileiro* (1998) e do capítulo XIX do nosso livro *Curso Introdução à Filosofia Brasileira* (2000), também sobre sua obra. Além destes estudos existem muitos artigos que avaliam as diferentes facetas de sua obra.

9. Maciel de Barros nasceu em 1927 na cidade de Bariri no Estado de São Paulo e morreu em São Paulo, capital, em 8 de maio de 1999. Licenciou-se em filosofia pela USP em 1949 e doutorou-se, em seguida, em Educação. Desde então foi Professor Titular de História e Filosofia da Educação naquela Universidade, fazendo brilhante carreira acadêmica. Foi membro da comissão que estudou a reforma universitária realizada em 1968, dirigiu a Faculdade de Educação e integrou a Comissão Edi-

torial da EDUSP. Escreveu em 1955 um livro sobre Pereira Barreto, reelaborado em 1967 com o título *A evolução do pensamento de Pereira Barreto*. Publicou ainda *A ilustração brasileira e a idéia de universidade* (1955 – reeditado em 1986), *Ensaio sobre educação* (1970), *Introdução à filosofia liberal* (1971), *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães* (1973), *Gorbachevismo – hipóteses e conjecturas* (1988), *Estudos liberais* (1992), *Razão e racionalidade* (1993), *Estudos brasileiros* (1997), *Poemas* (1997). Organizou e colaborou em *Diretrizes e bases da educação nacional* (1960) e *O significado do liberalismo atual (uma controvérsia brasileira)* (1998). O melhor de suas idéias apareceu em *O fenômeno totalitário* editado em 1990 pela Itatiaia, onde o pensador desenvolveu aspectos já propostos em *Introdução à filosofia liberal*. Na editora Itatiaia Maciel de Barros dirigiu a coleção *Reconquista do Brasil* desde 1985 até sua morte. Além dos livros anteriormente mencionados, o pensador colaborou nas seguintes obras coletivas: *Vida religiosa e a questão religiosa* em *História da civilização brasileira* (v. II) e *O Brasil monárquico* em *Declínio e queda do Império* (v. IV) – p. 317-365, (1971), *O positivismo no Império* em *As idéias filosóficas no Brasil* (v. I) – p. 115-142, (1978), *O pensamento político positivista no Império* em *As idéias políticas no Brasil* (v. I) – p. 233-270, (1979), *Notas sobre a estética de Miguel Reale* em *Direito, política, filosofia e poesia; volume comemorativo dos 80 anos do Prof. Miguel Reale* – p. 69-76, (1992), *Karl Popper: a busca inacabada* em *Popper; as aventuras da racionalidade* – p. 9-20, (1995). Também merece ser citado o artigo *O pensamento político de Kant* – RBF 32 (126): 190-213, 1982. Para um aprofundamento das teses filosóficas de Maciel de Barros deve-se consultar: *Anais do II Encontro dos professores e pesquisadores da filosofia brasileira* (1991), organizado por Leonardo Prota e dedicado ao exame de sua obra; *Liberalismo trágico* (1993), dissertação de mestrado de Rosilene de Oliveira Pereira; o verbete escrito por Miguel Reale na enciclopédia LOGOS (1989), o texto sobre o filósofo proposto por Antônio Paim em *Problemática do culturalismo* (1995), o verbete do *Dicionário Bibliográfico dos Autores Brasileiros* (1999), da Coleção Básica Brasileira do Senado Federal; o capítulo que escrevemos sobre suas idéias em *Antologia do culturalismo brasileiro* (1998) e o que lhe dedicamos no *Curso de Filosofia Brasileira* (2000). Há ainda muitos artigos sobre as idéias de Maciel de Barros, entre os quais destacariamos: *Roque Spencer Maciel de Barros, ou uma visão liberal trágica do homem* (1997), de Ubiratan Borges de Macedo e *O pensamento de Roque Spencer Maciel de Barros* (1997), de Gilda Naécia Maciel de Barros.

10. Leonardo Prota nasceu em 18 de julho de 1930 na Itália, mas se naturalizou brasileiro. Fez o mestrado em educação na University of Los Angeles e se doutorou no Brasil em 1981, na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro. Realizou o pós-doutoramento na Universidade de Bari, Itália, onde estudou as singularidades da filosofia italiana. Desde meados dos anos 80 estabeleceu-se em Londrina e passou a integrar o corpo docente da UEL. Ali coordena o curso de pós-graduação em filosofia além de dirigir a Editora da Universidade (EDUEL), que ajudou a criar. Publicou: *Imperativo atual; a busca de modelo diversificado de Universidade* (1981), *Curso de Humanidades – apresentação* (1962), *Um novo modelo de Universidade* (1987), *Educação para a cidadania* (1996), *A universidade em debate* (1998), *As filosofias nacionais e a questão da universalidade da filosofia* (2000). Colaborou em vários números dos cadernos editados pelo Instituto de Humanidades.

11. O filósofo nasceu em 1933 na cidade de Recife, capital de Pernambuco. Licenciou-se em filosofia pela Universidade Católica daquele Estado e em Direito pela Universidade Federal (UFPE). Trabalhou como professor na UNICAP – Pernambuco entre 1960 e 1974. É professor de filosofia, história e direito na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, professor de filosofia do direito no Curso de pós-graduação em Direito da UERJ – Rio de Janeiro, membro titular do Instituto Brasileiro de Filosofia e integrante da Academia Brasileira de Filosofia. Para conhecer mais sobre o autor consulte o verbete sobre ele no *Dicionário Bibliográfico dos Autores Brasileiros* (1999) da Coleção Básica Brasileira do Senado Federal e o capítulo que a ele dedicamos em *Antologia do culturalismo brasileiro* (1998). O que pretendeu o filósofo? Nelson Saldanha examinou a influência do plano cultural nos problemas filosóficos. Segundo ele, os problemas da filosofia se clareiam ou se renovam segundo a capacidade do pensador e do espírito de sua época. A sua principal contribuição parece residir no esforço para preservar a autonomia dos componentes da cultura e elucidar seu significado em contraposição aos historicismos teleológicos e unilineares. Era preciso superar aquele historicismo fechado que o século XIX nos legou e criar um novo modo de reconhecer a importância dos ciclos históricos.

Para realizar esta tarefa criou o conceito de exemplariedade que ele utilizou para interpretar os fatos históricos. Os estudos mais importantes de Nelson Saldanha para a filosofia brasileira foram *Histórias das idéias políticas no Brasil* (1968), *O pensamento político no Brasil* (1979), *A escola de Recife* (1985), além das colaborações nas obras coletivas: *As idéias políticas no Brasil e Idéias filosóficas no Brasil*. Outras obras de importância são: *Humanismo e história* (1983), *O declínio das nações e outros ensaios* (1987), *Ordem e hermenêutica* (1992), *O jardim e a praça* (1993), *Romantismo, evolucionismo e sociologia* (1997), *Ética e história* (1998) e *Filosofia do direito* (1998).

12. Nascido em 15 de novembro de 1943 em Santa Fé de Bogotá, Ricardo Rodríguez, colombiano de nascimento, é conhecido estudioso do patrimonialismo latino-americano e de suas raízes ibéricas. Realizou os estudos básicos no Liceu de La Salle e o bacharelado em Humanidades no Instituto Tihamer Toth, ambos em Bogotá. Obteve o título de Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Javeriana (Bogotá) em 1963. Entre 1965 e 1967 fez o Curso de Teologia no Seminário Conciliar de Bogotá. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro ganhou o título de Mestre em Filosofia (1974) e o de Doutor, ele o obteve na Universidade Gama Filho – Rio de Janeiro, em 1982. Pertence às seguintes entidades científicas e culturais: Academia Brasileira de Filosofia (Rio de Janeiro), Sociedade Tocqueville (Rio de Janeiro), Instituto de Filosofia Luso-Brasileira (Lisboa), Instituto Brasileiro de Filosofia (São Paulo), The Planetary Society (Pasadena – Califórnia), Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, Conselho Diretor do Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro (Salvador) e ao Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio. Pertenceu ao corpo docente da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de Londrina, mas estabeleceu-se à partir de 1983 no Rio de Janeiro. Ali tornou-se Professor Titular na Universidade Gama Filho e, a partir de 1985, Adjunto no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Os estudos de Ricardo Vélez estão orientados para a filosofia brasileira, filosofia das ciências, teoria do conhecimento, filosofia política e história da cultura. Os trabalhos mais importantes do pensador são: *Liberalismo y conservatismo en América Latina* (Bogotá, Tercer Mundo, 1978); *Castilhisismo, uma filosofia da república* (Est-EDUCS, 1980); *A propaganda republicana* (Ed. UnB, 1982); *O trabalho após 1930* (Ed. UGF, 1985); *O Castilhisismo* (Ed. UGF, 1994); *A ditadura republicana segundo o apostolado positivista* (Ed. UGF, 1995), *Tópicos especiais de filosofia moderna* (Ed. da UEL e Ed. da UFJF, 1995) e *Oliveira Vianna e o papel modernizador do estado brasileiro* (Ed. da UEL, 1997), *Socialismo moral e socialismo doutrinário* (Ed. UGF, 1997); *Avanços teóricos da social-democracia* (Ed. UGF, 1997); *A democracia liberal segundo Alexis de Tocqueville* (Mandarim, 1998), *Keynes, doutrina e crítica* (Ed. Massao Ohno, 1999) e *Estado, cultura y sociedad en la América Latina* (Bogotá, Universidad Central, 2000). Publicou ainda vários livros em co-autoria: *La filosofía en América* (Caracas, Sociedad Venezolana de Filosofía, 1979); *Democracia e participação* (Convívio, 1979); *Pombal e a cultura brasileira* (Tempo Brasileiro, 1982); *Filosofia Luso-brasileira* (Ed. UGF, 1983); *Gottesreich und Revolution* (Verlag Regensburg, 1987); *Evolução histórica do liberalismo* (Itatiaia, 1987), *Repensando o esporte brasileiro* (Ibrasa, 1988); *Curso de Humanidades, história da cultura* (Instituto de Humanidades, 1989); *Evolução do pensamento político brasileiro* (Itatiaia, 1989); *Anuario bibliográfico: historia del pensamiento ibero e iberoamericano* (anos de 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, University of Georgia, USA); *Teorização do serviço social: documento Alto de Boa Vista* (Agir, 1988); *Constituição de 1988: o avanço do retrocesso* (Rio Fundo, 1990); *Educação para a cidadania* (EDUEL, 1996); *Liberalismo doutrinário e pensamento de Tocqueville* (Ed. UGF, 1996); *Moral* (EDUEL, 1997); *Religião* (EDUEL, 1997); *O liberalismo e a questão social* (EDUEL, 1997), *Avanços teóricos da social-democracia* (EDUEL, 1997); *Socialismo teórico e socialismo doutrinário* (Instituto de Humanidades, 1997), *A prova da história* (EDUEL, 1997) e *Keynes: doutrina e crítica* (1999). Além destes trabalhos escreveu quase duas centenas de artigos e capítulos de livros. Para um melhor conhecimento do pensador consultar: o verbete da *Enciclopédia LOGOS* (1992) e o do *Dicionário Biobibliográfico dos Autores Brasileiros* (1999) da Coleção Básica Brasileira do Senado Federal, o capítulo dedicado a ele em nossa *Antologia do culturalismo brasileiro* (1998). Leia também o artigo de Júlio César Coelho intitulado *Um espaço aberto para a discussão filosófica* (1991), publicado na *Tribuna da Tarde* de Juiz de Fora (MG).

13. Confirma o que disse Reale no artigo *Invariantes Axiológicas* publicado em *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, 5 (13): 131-144, 1991. p. 142.

14. Confira o entendimento de Ortega sobre esta questão examinando *Que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1971. p. 178/9. Os outros aspectos tipificadores de seu pensamento são bastante conhecidos. José Ortega y Gasset pensou a vida e soube traduzir numa linguagem próxima do cotidiano do homem os temas da filosofia contemporânea. Algumas questões da filosofia orteguiana constituem uma ponte entre os problemas da existência e o universo da cultura. Ortega insistiu que a criação filosófica possui um sentido de liberdade, isto é, embora o homem viva mergulhado nas circunstâncias, a criação filosófica é fruto da liberdade. O filósofo espanhol insistiu que o mais importante no plano da criação é a capacidade do espírito ir além da tentação quantitativa ou das influências que atuam sobre o homem, a possibilidade de transcendência portanto. O que significa apregoar a liberdade do espírito? A filosofia e a ciência procuram mergulhar fundo no enigma do mundo e do homem. Nem uma, nem outra dedicam-se aos fatos mesmos, pois *eles não nos dão a realidade, ao contrário, ocultam-na, isto é, nos propõem o problema da realidade. Se não houvesse fatos não haveria problemas, não haveria enigmas* (Ortega, 1958. p. 25/6). A filosofia nos auxilia, contudo, melhor do que a ciência, a ir adiante dos fatos, a operar o desvelamento, retirar o véu que oculta e cobre a verdade. Nessa trajetória o homem se coloca diante dele mesmo, *é preciso que retiremos por um momento os fatos de em torno a nós e fiquemos a sós com nossa mente* (idem. p. 26). É aí, então, na solidão interior, que os caminhos se oferecem a nossa escolha. Frente à indefinição do futuro cada homem procura conferir um sentido à sua existência. Esse sentido não tem um caráter metafísico, não é um já decidido. Ortega inseriu esta discussão no pensar o sentido da vida que era outra forma de perguntar *o que é o ser do homem, que é que o homem em geral pode ser e que é o que tem que ser* (idem. 1989. p.33). Esse fazer-se é o seu componente historial do qual não tem como escapar. O que isto significou? Para Ortega que o homem é histórico. No sentir do filósofo a vida humana é feita de fatos e essa é a matéria-prima da história. A história do homem não é uma história da natureza. Como ela é diversa daquela, a vida humana não é redutível a uma ciência exata. A vida humana é penetrada pela filosofia, o que significa que para compreendê-la não é possível ficar no estrito universo da ciência. O homem é irredutível aos fatos, antes precisa perguntar-se *o que são as coisas a seu redor e o que ele é no meio às coisas* (idem. p.31). Ortega explicou que não procuramos saber porque as coisas são em virtude de nossa capacidade racional. Caso a inteligência humana fosse um instrumento adequado para conhecer, nenhum problema ficaria sem solução. *O destino do homem, portanto, é ação* (Ortega, 1973. p. 63). O filósofo não se referia ao puro agir, porque isto ordinariamente leva a atos insensatos. O que traduziu por ação? Ação é abertura à condição histórica, ao desafio da vida. A aventura cognoscitiva principia justo porque o homem não tem outro remédio senão investigar, procurar saber, embora o que ele tem *sirva muito mal para este mister* (Ortega, 1989. p. 32). É a condição humana, a historicidade em que vive, que o põe a pensar e não uma capacidade para fazê-lo. Essa condição revela uma incerteza fundamental, não há saber humano definitivo. O que é a vida humana? Ortega respondeu que era ir além das circunstâncias. O que significa essa característica associada à própria atividade filosófica? Ortega entendeu que é o autêntico sentido da transcendência, a capacidade de ir além do previsível, do repetido. Não existe segurança, o novo é possibilidade permanente. A trajetória de um homem não é a trajetória de um astro. Em cada instante da vida era preciso escolher e as escolhas, por menores que fossem guardavam relação com o conjunto completo da existência. Sendo um ente histórico, o ambiente do homem e ele próprio integram a circunstância. Concepção fecunda. Com ela o filósofo reúne o passado e o futuro no homem. Ortega formulou dois princípios fundamentais para entender a historicidade do homem: *o homem constantemente faz mundo, forja horizontes e toda mudança do mundo, do horizonte, traz consigo uma mudança na estrutura do drama pessoal* (idem. p. 43).

15. Emmanuel Kant, filósofo alemão, nasceu em Königsberg, em 1724. Morreu na mesma cidade, em 1804. O seu primeiro trabalho, *Pensamentos sobre a verdadeira avaliação das forças vivas* (1746), tentava conciliar o cartesianismo com o leibnizianismo. Em 1770, aos 46 anos de idade, tornou-se professor catedrático de filosofia com o estudo *Sobre a forma e os princípios do mundo sensível e do mundo inteligível* (1770), estudo muito importante, no qual anuncia já aspectos definitivos da filosofia crítica. Onze anos depois, em 1781, publicou a *Crítica da razão pura* (1781), o marco amadurecido de uma nova forma de fazer filosofia que ele denominou de transcendental. Na *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785) fez a primeira aplicação da doutrina aos princípios morais,

questão aprofundada em *Crítica da razão prática* (1788). Em sua terceira obra fundamental a *Crítica do Juízo* (1790), o filósofo examinou a finalidade da natureza.

16. Silvío Vasconcelos da Silveria Ramos Romero nasceu em Lagarto, estado do Sergipe no ano de 1851. Em 1863 entrou para o Ateneu Fluminense do Rio de Janeiro. Terminado o ensino médio cursou direito na Faculdade do Recife, concluindo a formação superior no ano de 1873. Foi Juiz Municipal na cidade de Parati e em 1879 regressou ao Rio de Janeiro onde desenvolveu grande atividade literária e se tornou professor no Colégio D. Pedro II. Foi também deputado federal de 1889 a 1902 e professor de filosofia na Faculdade de Direito. Em 1878 publicou *A filosofia no Brasil*, onde criticou as idéias positivistas e forjou o termo *Escola do Recife*. Nessa obra defendeu as idéias de Tobias Barreto, embora posteriormente tenha se afastado de suas teses. Foi um dos intelectuais que fundou a Academia Brasileira de Letras em 1897. Morreu no ano de 1914 na cidade do Rio de Janeiro. Escreveu uma extensa e importante obra abrangendo diferentes setores da cultura. Seus trabalhos de História Literária são: *A literatura brasileira e a crítica moderna* (1880), *Introdução à história da literatura brasileira* (1882), *Estudos de literatura contemporânea* (1884), *Valentim Magalhães* (1885), *História da literatura brasileira* (1888), *Novos estudos de literatura contemporânea* (1897), *Martins Pena* (1897), *Ensaio de sociologia e literatura* (1900), *Parnaso sergipano* (1904), *Evolução da literatura brasileira* (1905), *Outros estudos de literatura contemporânea* (1905), *Compêndio da história da literatura brasileira* (1906), *Quadro sintético da evolução dos gêneros da literatura brasileira* (1909), *Minhas contradições* (1914) e *Zeveiríssimações ineptas da crítica* (1910). Sobre o folclore escreveu: *Cantos populares do Brasil* (1883), *Cantos populares do Brasil* (1885), *Estudos sobre a poesia popular brasileira* (1889), *Uma esperteza* (1887) e *Passe recibo* (1905). Seus estudos sobre etnografia foram: *Etnografia brasileira* (1888), *A pátria portuguesa* (1906), *América Latina* (1906) e *Antigo direito em Espanha e Portugal* (1894-1895). Sobre política e estado social escreveu: *Ensaio de crítica parlamentar* (1883), *A história do Brasil pela biografia de seus heróis* (1890), *O parlamentarismo e o presidencialismo no Brasil* (1893), *Discursos* (1904), *O Brasil social* (1908), *Provocações e Debates* (1909) e *O Brasil na primeira década de século XX* (1912). Seus livros de poesia foram *Cantos do fim do século* (1878) e *Últimos arpejos* (1883). Suas obras filosóficas, às quais olharemos aqui com especial interesse, foram: *A filosofia no Brasil* (1878), *Doutrina contra doutrina* (1894) e *Ensaio de filosofia do direito* (1895). Para uma visão mais completa das idéias de Romero, sugerimos o exame dos seguintes textos: *Silvío Romero* (1935), de Alcides Bezerra; *Itinerário de Silvío Romero* (1944), de Silvío Rabello; *Introdução ao método crítico de Silvío Romero* (1945), de Antônio Cândido; A obra de Silvío Romero em criminologia e direito criminal (1951), de Roberto Lira; *Silvío Romero* (1952), de Vítor D'Almeida; *Presença de Silvío Romero* (1955), de Argeu Guimarães; *Contribuição à história das idéias no Brasil* (1956), João Cruz Costa; *Silvío Romero em família* (1960), de Abelardo Romero; *Itinerário de Silvío Romero* (1967), de Silvío Rabelo; *Tríplice de idéias* (1967) e *Pequena história da filosofia* (1968) de Luís Washington Vita; *Silvío Romero e os problemas da filosofia*, capítulo de *Horizontes do direito e da história* (1977), de Miguel Reale; *O conceito de filosofia da ciência em Silvío Romero* (1978), de Norma C. Werneck; *A crítica da filosofia no Brasil em Silvío Romero* (1980), de Leo Afonso Staudt; *A filosofia da Escola do Recife* (1981), de Antônio Paim; *Silvío Romero e Teófilo Braga* (1996), *Atas do III Colóquio Tobias Barreto*, obra coletiva com vinte e um artigos sobre Silvío Romero; o item 4 do capítulo 4, intitulado *Apoqueu e declínio da Escola do Recife* da clássica *História das idéias filosóficas no Brasil* (1997), de Antônio Paim; o verbete da Enciclopédia *Logos* do mesmo Antônio Paim, *História da filosofia no Brasil* (1997), de Jorge Jaime; o verbete do *Dicionário Bibliográfico dos Autores Brasileiros* (1999), da Coleção Básica Brasileira do Senado Federal; o capítulo 2 de *Antologia do culturalismo brasileiro* (1998) que a ele dedicamos, o capítulo sobre Silvío Romero no *Curso de Filosofia Brasileira* (2000) e o artigo que sobre ele publicamos na revista *Paradigmas* 1(1): 7-22, 1977.

17. Alcides Bezerra, ensaísta, historiador e filósofo nasceu em João Pessoa em 24 de outubro de 1891 e morreu no Rio de Janeiro em 29 de maio de 1938. Formou-se em Direito na Faculdade do Recife em 1911, ao lado de Pontes de Miranda. Em 1913 transferiu-se para o Rio de Janeiro onde trabalhou como Procurador Interino da República, no ano seguinte tornou-se o Procurador Adjunto da Capital, entre 1915 e 1917 foi Inspetor Geral do Ensino, de 1917 a 1919 foi Promotor Público. De 1920 a 1922 foi o Diretor Geral da Instrução Pública. Em 1922 assumiu a direção do Arquivo Nacio-

nal, cargo que exerceu até a morte. Durante este período criou o Centro de Estudos Históricos e teve intensa atividade intelectual. Podemos considerá-lo um continuador da Escola de Recife. Ele estudou a cultura de uma perspectiva filosófica e publicou *Ensaio de crítica e filosofia* (1919), *A revelação científica do direito* (1933) e *Achegas à história da filosofia* (1936). Além destes livros possui várias conferências editadas nos *Volumes das Publicações do Arquivo Nacional*. São elas: *A Paraíba na Confederação do Equador* (1925) - v. XIII, *Os historiadores do Brasil no século XIX* (1926) - v. XXIX, *A filosofia fenomenista de Harald Höffding* (1928) - v. XXXIII, *A Paraíba no século XVI* (1929) - v. XXVI, *O problema da cultura* (1929) - v. XXXIII, *Silvio Romero, o pensador e sociólogo* (1929) - v. XXXIII, *Evolução psicológica da humanidade* (1931) - v. XXXIII, *Vicente Licínio Cardoso, o ensaísta, o filósofo* (1931) - v. XXXIV, *Tese ao Segundo Congresso de História Nacional* (1931), na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (1931), *Idéia moderna do direito* (1933) - na Sociedade Brasileira de Filosofia, *Aspectos antropogeográficos da Constituição* (1935) - v. XXXIII, *As secas na futura Constituição* (1936) - v. XXXIII, *Morfologia de um século de história brasileira* (1937). Para uma visão geral da sua contribuição à filosofia brasileira é importante examinar: *Homens do Brasil* (1917), de Liberato Bittencourt; o *Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro* (1937), de Velho Sobrinho; o *Dicionário Bio-bibliográfico de Autores Brasileiros* (1999), da Coleção Básica Brasileira do Senado Federal, o item que dedicamos ao estudo de sua obra em *Antologia do culturalismo brasileiro* (1998). O principal trabalho a ser consultado é *O culturalismo sociológico* (1981) de Francisco Martins de Souza.

18. Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo alemão, nasceu em Stuttgart no ano de 1770 e morreu em Berlim no ano de 1831. Sua filosofia, conhecida como idealismo absoluto, identifica o ser e o pensamento, *o que é real é racional e o que é racional é real*, dizia o filósofo, com a idéia. A idéia se desenvolve em três fases: tese, antítese e síntese. Ele deu, pois, uma interpretação peculiar à dialética triádica de Fichte, o filósofo da ação moral que estabeleceu uma sistematização lógica da síntese, *a priori* proposta na filosofia transcendental de Emmanuel Kant (1724-1804). Também reviu a filosofia da identidade de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854). Suas obras mais importantes são: *Fenomenologia do espírito* (1806), *Grande Lógica* (1812-1816) e *Princípios da filosofia do direito* (1821).

19. René Descartes, filósofo, matemático e físico francês, nasceu em Touraine, França no ano de 1596 e morreu em Estocolmo em 1650. Descartes foi militar e lutou em várias guerras na Europa. São atribuídas a ele a criação da geometria analítica e a descoberta dos princípios da ótica geométrica. Sua física mecanicista e a teoria dos animais-máquinas assentaram as bases da ciência moderna. Suas obras fundamentais são: *Princípios de filosofia* (1644), *As paixões da alma* (1649), *Regras para a conduta do espírito* (1628), *Discurso do método* (1637). Nestes últimos livros desenvolveu um método de investigação e uma metafísica que marcam uma decisiva mudança. Seu método lhe permitiu afastar-se das conclusões da escolástica, definindo uma clara lógica da dedução que vai do simples ao mais complexo. *Meditações metafísicas* (1641), na qual constrói a metafísica seguindo o seguinte método: parte-se da dúvida metódica abandonando todo conhecimento sem sustentação, deixando apenas a certeza do pensamento dubitativo. Daí deduz a própria existência daquele que pensa.

20. Confira o capítulo VII de *A filosofia contemporânea no Brasil*, p. 160/4.

21. Paulo Mercadante nasceu em Carangola, MG, em 1923. Licenciou-se em História, Geografia e Direito. É membro do Instituto Brasileiro de Filosofia e da Academia Brasileira de Filosofia. Escreveu: *A consciência conservadora no Brasil* (1965), *Tobias Barreto na cultura nacional* (1972), *Os sertões do leste* (1973), *Portugal, ano zero* (1975), *Militares e Civis* (1978), *Crônica de uma comunidade cafeeira* (1990), *A arte brasileira* (1994), *Graciliano Ramos, manifesto do trágico* (1994).

22. Vamirech Chacon nasceu no Recife em 1934. Licenciou-se em Filosofia e Direito, doutorando-se em 1959 com tese sobre Sociologia do Direito. Realizou estudos de pós-doutoramento na Alemanha e Estados Unidos, iniciando sua carreira docente em 1958 no Recife. Em 1975 transferiu-se para a Universidade de Brasília. Escreveu: *O anti-semitismo no Brasil* (1955), *Reflexões sobre o humanismo marxista* (1955), *Cooperativismo e comunitarismo* (1956), *O Capibaribe e o Recife* (1959), *Introdução ao problema da sociologia do direito* (1959), *O fator econômico no marxismo* (1960), *Utilitarismo e desenvolvimento econômico* (1961), *Elementos políticos e institucionais do*

desenvolvimento brasileiro (1962), *A revolução no trópico* (1962), *Qual a política externa conveniente ao Brasil* (1964), *História das idéias socialistas no Brasil* (1965), *Galileus modernos* (1965), *Da Escola do Recife ao código civil* (1969), *Thomas Mann e o Brasil* (1975), *História das idéias sociológicas no Brasil* (1977), *Estado e povo no Brasil* (1977), *O novo parlamentarismo* (1978), *O dilema político brasileiro* (1978), *A experiência espanhola* (1979), *Autoridade e poder* (1979), *A astúcia da razão* (1980), *O humanismo brasileiro* (1980), *A bansa tropical* (1981), *História dos partidos brasileiros* (1981), *Parlamento e parlamentarismo* (1982), *Abreu de Lima* (1983), *A cultura democrática* (1983), *Da confederação do Equador à Grã-Colômbia* (1983), *O poço do passado* (1984), *Brasil sociedade democrática* (1985), *Vida e morte das constituições brasileiras* (1987), *Max Weber* (1988), *A luz do norte* (1989), *Deus é brasileiro* (1990), *Gilberto Freire* (1993), *A divisão do mundo pelos estados transnacionais de o livro da Profecia* (1997).

23. Luiz Luigi nasceu em 1927 em Cruz Alta, RS. Estudou filosofia no Instituto de Filosofia da Universidade de Roma, em 1949. Quatro anos mais tarde voltou ao Brasil e iniciou o magistério na Faculdade de Direito da UFRGS. Desde 1969 ensina Filosofia do Direito na Faculdade de sua cidade natal. Escreveu: *Appunti sulla filosofia giuridica dei valori* (1952), *O tipo penal e a teoria finalista da ação* (1957), *Sobre partidos políticos, direito eleitoral e outros ensaios* (1975), *Os princípios constitucionais penais* (1991), *Filosofia do direito* (1991).

BIBLIOGRAFÍA

- Barreto, Luís Antônio. O pensamento e a ação política de Tobias Barreto. 59-74. *Atas do I Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: FCSH/ UNL, 1991.
- Barros, Roque Spencer Maciel de Barros. *O fenômeno totalitário*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.
- Borges, Paulo Alexandre. Cultura e natureza em Tobias Barreto. 133-138. *Atas do I Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: FCSH/ UNL, 1991.
- Calafate, Pedro. Natureza e Cultura. Em torno de Tobias Barreto. 139-142. *Atas do I Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: FCSH/ UNL, 1991.
- Carvalho, José Maurício de. *Antologia do culturalismo brasileiro*. Londrina: CEFIL, 1998.
- _____. *O homem e a filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- _____. *Contribuição contemporânea à história da filosofia brasileira*. 2ª ed., Londrina: CEFIL, 1999.
- _____. *Curso de introdução à filosofia brasileira*. Londrina: CEFIL/EDUEL, 2000.
- Cesar, Constança Marcondes. A metafísica de Tobias. 103-105. *Atas do I Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: FCSH/ UNL, 1991.
- Chacon, Vamirech. Sílvia Romero: elo entre a primeira e a segunda Escolas do Recife. 57-64. *Atas do III Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: Instituto Luso-Brasileiro de Filosofia, 1996.
- Guimarães, Aquiles Côrtes. Tobias Barreto e o cientificismo de sua época. 93-105. *Atas do I Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: FCSH/ UNL, 1991.
- _____. A função do discurso na crítica de Sílvia Romero. 293-298. *Atas do III Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: Instituto Luso-Brasileiro de Filosofia, 1996.
- Menezes, Djacir. *Premissas do culturalismo dialético*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.
- Menezes, Tobias Barreto. Glossas heterodoxas a um dos motes do dia, ou variações anti-sociológicas. *Estudos de Filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- _____. Notas a lápis sobre a evolução emocional e mental do homem. *Estudos de Filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- _____. Relatividade de todo conhecimento. *Estudos de Filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- Ortega y Gasset, José. *Que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1971.
- _____. *O homem e a gente*. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1973.

- _____. *Em torno a Galileu*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. En el centenario de Hegel. *Obras Completas*. Madrid: Alianza, v. V, 1994. p. 421.
- Paim, Antônio. A evolução de Tobias Barreto e seu significado para a filosofia brasileira. 21-32. *Atas do I Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: FCSH/ UNL, 1991.
- _____. *A problemática do culturalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- _____. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 5ª ed., Londrina: EDUEL, 1997.
- _____. *A Escola de Recife*. Londrina: EDUEL, 1999.
- _____. O pleno desabrochar da filosofia brasileira. *Revista Brasileira de Filosofia*. 50 (199): 381-391, jul./ set. de 2000.
- Pereira, José Esteves. Teófilo Braga e Silvio Romero; duas perspectivas sociológicas. 167-182. *Atas do III Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: Instituto Luso-Brasileiro de Filosofia, 1996.
- Reale, Miguel. *Filosofia em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Grijalbo/EDUSP, 1976.
- _____. *Experiência e cultura*. São Paulo: Grijalbo/ EDUSP, 1977.
- _____. Invariantes Axiológicos. In: *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, 5 (13): 131-144, 1991.
- _____. A cultura no pensamento de Tobias Barreto. 15-20. *Atas do I Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: FCSH/ UNL, 1991.
- _____. Sentido ontológico do dever-ser. 25-30. *Atas do IV Colóquio Tobias Barreto*. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 1998.
- _____. *Variações*. São Paulo: GDR, 1999.
- _____. *Cinco temas do culturalismo*. São Paulo: Saraiva, 2000.
- Rodrigues, Anna Maria Moog. Convergências e divergências no pensamento de Antero de Quental e Tobias Barreto: o tema moral. 107-118. *Atas do I Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: FCSH/ UNL, 1992.
- Romero, Silvio. *Ensaio de filosofia do direito*. 2. ed., Rio de Janeiro: s.e., 1908.
- Rodriguez, Ricardo Vélez. Miguel Reale e a história das idéias. 279-288. *Atas do IV Colóquio Tobias Barreto*. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 1998.
- Severino, Antônio Joaquim. *A filosofia contemporânea no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Souza, Francisco Martins de. *O culturalismo sociológico de Alcides Bezerra*. Rio de Janeiro, São Paulo: Convívio, 1981.
- Soveral, Eduardo Abranches de. Algumas notas sobre a noção de filosofia de Gonçalves de Magalhães (1811-1882). *Atas do III Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileiro, 1994.
- Teixeira, Antônio Bráz. Direito e moral no pensamento de Teófilo Braga e Sílvio Romero. 113-120. *Atas do III Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileiro, 1996.
- _____. A filosofia luso-brasileira, um balanço provisório. *VI Colóquio Antero de Quental*. Aracaju, 2000.
- Vita, Luís Washington. *Que é filosofia*. São Paulo: Desal/ EDUSP, 1965.
- Zilles, Urbano (Coordenador). *Miguel Reale, estudos em homenagem a seus 90 anos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.